

Diferenças Culturais e Processos Pedagógicos A diferença está no chão da escola

Vera Maria Candau

Esta expressão a diferença está no chão da escola, utilizada por uma das entrevistadas no contexto da pesquisa *Ressignificando a Didática na perspectiva multi/intercultural*², sintetiza uma questão que considero central no debate atual da área de educação e de outras áreas de conhecimento afins: a problemática da diferença, ou melhor, das diferenças presentes nos processos sociais e educacionais.

Defendo a posição de que a diferença é constitutiva, intrínseca às práticas educativas, está no chão da escola, e atualmente é cada vez mais forte a consciência dos/as educadores e educadoras de que ela integra o núcleo fundamental de sua estruturação/desestruturação. Considero imprescindível ter presente a dimensão cultural nos processos de construção das diferenças, nos âmbitos sociais e educativos, para potencializar processos de aprendizagem mais significativos e produtivos para todos/as os/as alunos e alunas.

Diferenças e processos educacionais: diversas aproximações

Em trabalho que publiquei em co-autoria com Miriam Soares Leite³ analiso/analizamos alguns marcos da construção do discurso sobre a diferença no campo pedagógico brasileiro, buscando identificar a especificidade e o sentido das contribuições atuais da perspectiva intercultural na abordagem desta questão.

Destaco/destacamos, em primeiro lugar, de modo especial a partir da primeira metade do século XX, as contribuições de diversas vertentes da psicologia, assim como de movimentos como os da chamada Escola Nova e do ensino programado para o tratamento desta questão. O referencial psicológico, tanto das teorias da aprendizagem quanto das contribuições da psicologia do desenvolvimento e da personalidade, exerceram/exercem forte impacto na formação dos/as educadores. Nesta perspectiva, o termo diferença está, em geral, referido às características físicas, sensoriais, cognitivas e emocionais que particularizam e definem cada indivíduo. A diversidade de ritmos, de estilos cognitivos, de modos de aprender e os traços de personalidade são considerados componentes dos processos de aprendizagem e a construção de estratégias pedagógicas que as levem em consideração são preocupações presentes entre os/as educadores/as.

Quanto às contribuições da sociologia da educação, elas introduzem a discussão sobre as relações entre as variáveis socioeconômicas e os processos educacionais, concretamente sobre os determinantes do fracasso escolar. As diferenças de classe social adquirem, neste contexto, especial importância.

Não podemos deixar de mencionar também, mesmo de modo amplo e genérico, algumas das contribuições de Paulo Freire para o tema que nos ocupa. Pelo reconhecimento da relevância da dimensão cultural nos processos de alfabetização de adultos e pelo método dialógico que propõe implementar nos processos educativos, pode-se considerar que seu pensamento já adiantava aspectos importantes do que hoje se configura como a perspectiva intercultural na educação.

Através destas breves indicações, o que busquei foi evidenciar que a questão das diferenças tem estado presente na reflexão pedagógica, quer através de aproximações a partir de correntes da psicologia, quer a partir da ótica sociológica. Esta constatação não supõe que as conseqüências destas perspectivas nas práticas pedagógicas tenham sido, cada vez mais, levadas em consideração. Em geral, a cultura escolar continua fortemente marcada pela lógica da homogeneização e da uniformização das estratégias pedagógicas.

Diferenças culturais e processos educativos: incorporando a perspectiva intercultural

Nos últimos anos a discussão sobre diferenças culturais nas práticas pedagógicas vem se afirmando. As diferenças são, então, concebidas como realidades sócio-históricas, em processo contínuo de construção-desconstrução-construção, dinâmicas, que se configuram nas relações sociais e estão atravessadas por questões de poder.

Em diversos trabalhos, tenho apresentado a perspectiva intercultural que assumo, situando-a em relação às diferentes abordagens multiculturalistas. Esta perspectiva enfatiza o reconhecimento e a interação entre diversas pessoas e grupos em que as diferenças - de gênero, orientação sexual, étnico-raciais, religiosas, entre outras - estão dinamicamente presentes, em contínuo processo de construção. Afirma que nas sociedades em que vivemos os processos de hibridização cultural são intensos e mobilizadores da construção de identidades abertas, em construção permanente, o

que supõe que as culturas não são puras, nem estáticas. A consciência dos mecanismos de poder que permeiam as relações culturais constitui outra característica desta perspectiva. As relações culturais não são relações idílicas, não são relações românticas, estão construídas na história e, portanto, estão atravessadas por questões de poder e marcadas pelo preconceito e pela discriminação de determinados grupos socioculturais. Estão presentes nos inúmeros espaços sociais e nas escolas. Cada vez é mais intensa a visibilização das diferenças culturais nos espaços públicos, o que constitui um desafio para o exercício da cidadania democrática e a construção de práticas pedagógicas que favoreçam seu reconhecimento e valorização.

Diferenças culturais e práticas pedagógicas: o que dizem alguns estudos

Na última década, tenho desenvolvido e orientado uma série de pesquisas, dissertações de mestrado e teses de doutorado sobre as relações entre escola e cultura(s). É recorrente em todas a dificuldade de se lidar, nas práticas educativas, com as diversas manifestações da diferença cultural: de gênero, étnicas, de orientação sexual, geracional, regional, etc. Aqui são todos iguais, é muito freqüente os/as professores/as afirmarem quando se pergunta como lidam com as diferenças. Igualdade e diferença são vistas como pólos contrapostos e não como dimensões que mutuamente se reclamam. No entanto, tenho também constatado que é possível identificar progressivamente uma maior sensibilidade para esta temática, mas nem sempre é possível traduzi-la nas práticas educativas cotidianas.

Em geral, os professores associam a palavra diferença com questões de aprendizagem, classe social ou papel da família em relação à escolarização. As questões relativas às diferenças culturais são pouco explicitadas e reconhecidas como inerentes às práticas educativas. Apesar desta limitação básica, pesquisadores/as têm procurado identificar diferentes estratégias pedagógicas que professores/as declararam utilizar em seus depoimentos para lidar com as diferenças na sala de aula. A partir do trabalho de Barreiros (2006), estas estratégias podem ser agrupadas nas seguintes categorias: modos de se situar diante das questões relativas às diferenças, como por exemplo, ter como ponto de partida para trabalhar, no cotidiano escolar, o reconhecimento das diferenças. Não a partir da igualdade, mas sim ter um olhar atento às crianças que mostram maiores necessidades, estar sensível ao que acontece, ao que emerge, pesquisar o caminho de aprendizagem de cada criança - usar a intuição; trabalhar as relações interpessoais e a dinâmica do grupo. Neste sentido, é importante: discutir os conflitos no grupo, valorizar o diálogo; trabalhar com diferentes linguagens; apostar no estudo, trabalho em grupos, dar visibilidade às produções dos/as alunos/as - empoderá-los - etc.

Estamos longe de instrumentalizar didaticamente a escola para trabalhar com as diferenças, assim como de transformá-las em vantagem pedagógica, como propõe Emilia Ferreiro (apud Lerner, 2007). No entanto, acredito ser esse o caminho a trilhar para construir uma escola verdadeiramente democrática e justa, o que supõe articular igualdade e diferença.

A dimensão cultural é intrínseca aos processos pedagógicos, está no chão da escola e potencia processos de aprendizagem mais significativos e produtivos, na medida em que reconhece e valoriza cada sujeito neles implicados, combate todas as formas de silenciamento, invisibilização e/ou subalternização de determinados sujeitos socioculturais, favorecendo a construção de identidades culturais abertas e de sujeitos de direito, assim como a valorização do outro, do diferente, e do diálogo intercultural.

Referências Bibliográficas

BARREIROS, Claudia H. *Quando a diferença é motivo de tensão: um estudo de currículos praticados em classes iniciais do ensino fundamental*. Tese de Doutorado. PUC-Rio, 2006.
LERNER, Delia. Enseñar en la Diversidad. *Lectura y Vida. Revista Latinoamericana de Lectura*. Buenos Aires, v. 26, n. 4, dez. 2007.

¹ Texto adaptado de publicação de Salto para o Futuro, TV Escola - Boletim 22, Out/2008.

² Pesquisa desenvolvida de 2003 a 2006, com apoio do CNPq, pelo grupo de Estudos sobre Cotidiano, Educação e Cultura(s) (GECEC), do Departamento de Educação da PUC-Rio

³ Ver Enriquecendo a ação

Direitos Humanos na sala de aula

Apresentação

Somos diferentes.

Certeza que integra o nosso lema, que é visível na vida e se faz presente no cotidiano escolar.

As diferenças estão no chão da escola, são constitutivas das práticas educativas e, portanto, não pode ser invisibilizadas, silenciadas, como alerta Vera Candau no texto "Para refletir". Ao contrário, é indispensável escutar o silêncio, diz Dom Hélder, para evitar e superar as angústias.

Em outras palavras, é fundamental reconhecer e valorizar as diferenças, se nossa utopia é uma sociedade mais justa - e não há possibilidade de justiça sem o respeito às diferenças. Se nosso projeto é um mundo mais feliz, ancorado no princípio de que cada pessoa é um sujeito de direitos - inclusive do direito de ser diferente - e como tal deve ser reconhecida. Esta a igualdade legítima pela qual devemos lutar.

Sala de aula em movimento quer, com as atividades que propõe, propiciar reconhecimento e aceitação do/a diferente. Caminhando em direção à valorização das diferenças que tornam a vida mais rica, a escola mais verdadeira.

Nós vamos nos encontrar em breve para, juntos/as mantermos a rota. Nós que somos muitos/as, somos diferentes e que nos empenhamos em construir cidadania. Nós que temos esse lema como bandeira, inspiração e compromisso.

Até julho, companheiros e companheiras do Movimento de Educadores/as em Direitos Humanos. Nossa identidade!

A equipe



Participe

Falta pouco para o Encontro Regional de Educadores em DDHH - **11 de julho**, a partir das 8h, no Colégio Teresiano (Rua Marquês de São Vicente 331, Gávea). Além da partilha de experiências, das reflexões conjuntas (em destaque **50 anos de Direitos Proclamados - a situação da criança brasileira**), o abraço que celebra o caminho percorrido e energiza para prosseguir na caminhada. Você é presença indispensável.

Datas Significativas

Junho

04 - Dia Internacional das Crianças Vítimas de Violência

05 - Dia Internacional do Meio Ambiente e Universal da Ecologia

12 - Dia Mundial da Luta contra o Trabalho Infantil

25 - Dia Internacional contra as Drogas

Datas que, particularmente quando a Declaração Universal dos Direitos da Criança completa 50 anos, reclamam o cuidado com o presente/futuro das crianças, protegidas que devem ser de toda e qualquer forma de violência. O Notícias se alia a ele.

"Mais importante que escutar as palavras é adivinhar as angústias, sondar o mistério, escutar o silêncio..."
(Dom Helder Câmara)



NOVAMERICA

Programa Direitos Humanos
Educação e Cidadania

Editora: Susana Sacavino

Texto Final: Iliana Aida Paulo

Supervisão Editorial:

Adelia Maria Koff

Composição Gráfica:

Compañia Visual Manteca

Equipe Responsável:

Vera Maria Candau

Laura C. Campello do A. Mello

Cynthia Monteiro de Araujo

Iliana Aida Paulo

Marilena Varejão Guersola

Apoio:



Castilla-La Mancha

